

## Fé, razão e violência

Com o título de 'Fé, Razão e Universidade?', pronunciou o Papa, no passado mês de Setembro, na Universidade de Regensburg, uma conferência de cunho marcadamente académico, em acordo com o local e o auditório escolhidos. Mas esqueceu-se o conferencista de que também estava na 'aldeia global' em que o mundo da comunicação social se transformou no século XX, abatendo toda a espécie de fronteiras, e com esse descuido ou alheamento desencadeou reacções a uma escala exponencial certamente nunca imaginada. Tratando-se de um discurso para universitários feito por um universitário, terá ele apenas contado com a atenção de um destinatário suficientemente informado para apreender o essencial de uma 'lição' teológica cuja complexidade não dispensava o reconhecimento do acidentado percurso histórico das duas religiões que mais profundamente inscreveram, na consciência do chamado mundo ocidental, a antinomia (confessada ou não) imanente na cultura das diferenças.

É evidente que o conferencista quis distinguir as religiões cristã e muçulmana entre outras (a judaica, por exemplo), não pelo significado do número dos seus fiéis, - que seria tão atendível como o número de hindus e budistas que coabitam numa mesma humanidade que não se confina entre Cristo e Maomé - mas pelo facto de os percursos dos dois primeiros se terem realizado, até hoje, em linhas paralelas, que ainda não se encontraram.

É um facto que ambas reivindicam o primado da verdade da sua fé, baseada num Logos alegadamente inspirado por um Deus universal, porém seguindo práticas tão diferentes e por vezes tão opostas, que se diria conduzirem no sentido contrário à 'voluntas ordinata' plasmada nas 'leis' ou 'regras de vida' prescritas nos seus Códigos fundamentais, - a Bíblia e o Corão - sempre que induzem a matar ou a morrer em nome de Deus, negando assim a bondade do próprio acto da Criação. Como exemplo dessas oposições, que a história regista, o Papa-académico impôs ao Papa-pastor de almas a citação de um texto medieval em que o Imperador bizantino Manuel II Paleólogo desafia um interlocutor persa, também versado na cultura greco-cristã, a mostrar o que Maomé trouxera de novo à problemática da fé e da razão, para além de 'coisas demoníacas e desumanas, tal como o mandamento de defender pela espada a fé que pregava'. Como não constou do discurso do Papa-académico se o interlocutor do imperador bizantino contrapôs à evocação da 'jihad' islâmica as 'guerras santas' que também foram as Cruzadas e a Inquisição, igualmente 'contrárias à natureza de Deus, que não ama o sangue', logo a 'aldeia global' associou a terceira dimensão do cidadão do mundo Joseph Ratzinger: o Papa-político, chefe de uma Igreja organizada como Estado promotor e defensor de uma 'ideologia', como na Sociologia se chama ao 'conjunto de ideias e representações que grupos sociais criam acerca do seu meio e de si mesmos para explicar o mundo que os rodeia e o papel que nele representam.'

Filho de uma determinada cultura, 'germânica e eurocêntrica' o universitário Ratzinger não poderia ficar imune ao desenvolvimento da dialéctica que, depois dos seus compatriotas Kant, Fichte e Schelling, levaria um quarto compatriota, Hegel, a afirmar que o ser só se determina por uma oposição e uma luta contra o oposto. E no aspecto em que esta dialéctica se manifesta e ressalta no comportamento 'político' dos povos, na sua obra 'Princípios da Filosofia do Direito' há luzes que iluminariam mais o discurso do Papa se não o obrigassem a referenciar uma autoria equivocada...

Diz Hegel, no item 352, que 'a verdade e o destino das ideias concretas, dos espíritos dos povos, residem na ideia concreta que é a universalidade absoluta. Esse é o Espírito do mundo. Em volta do seu trono, os povos são os agentes da sua realização, testemunhas e ornamentos do seu esplendor. Como espírito, é ele o movimento da actividade em que a si mesmo se conhece absolutamente, se liberta da natureza imediata, se reintegra em si mesmo (...)?

Em abono da 'universalidade absoluta' e do 'Espírito do mundo', o Papa-académico não hesitaria provavelmente em citar o filósofo. Mas talvez guardasse para si (*pro domo sua*) o passo seguinte em que Hegel afirma que a resposta aos três grandes Impérios em que o espírito se 'fechou em si mesmo no extremo da sua negatividade absoluta' - o Império do Oriente, o Império Grego e o Império Romano - foi dada pelo Império Germânico (o Sacro Império Romano-Germânico, diga-se), ao qual caberia 'a missão de concretizar o princípio da unidade da natureza divina e humana', assim promovendo 'a reconciliação como verdade e liberdade.'

Já não sensibilizaria minimamente o Papa o desenvolvimento da dialéctica hegeliana seguido por outros seus compatriotas 'materialistas', como Feuerbach e Marx, para os quais o ser divino é uma projecção fora do homem, uma 'alienação'... Marx é peremptório: 'Não é a consciência dos homens que determina a sua existência, mas, pelo contrário, é a existência social que determina a consciência.'

O 'ruído' estrondoso que o discurso de Bento XVI provocou na 'aldeia global' e no mundo islâmico em particular - apenas por conter uma citação que não é falsa, podendo ser 'politicamente incorrecta' na boca de um Papa que também é 'político' quando omite a violência que caracterizou a sua Igreja durante séculos (em Portugal a Inquisição só terminou no começo do século XIX) - haveria de fazer sorrir Karl Marx, por ver justificada ainda hoje uma reflexão sua, produzida no século XIX, sobre qual seria a 'tarefa da história' (e concomitantemente da Universidade), face a uma realidade em que '... a crítica do céu transforma-se em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito e a crítica da teologia em crítica da política.'

Se fosse vivo, o filósofo do 'materialismo histórico', que também discursou em Universidades alemãs, haveria de dedicar aquela sua asserção aos fiéis de todas as religiões, mas, especialmente, aos teorizadores do 'fim da História' e da 'morte das Ideologias'...